

27/9/1984

Assalariados rurais tentam consolidar conquistas trabalhistas

por Valmeron De Bono

de Ribeirão Preto

Depois do acordo de Guariba, firmado em maio entre os plantadores e cortadores de cana, a região de Ribeirão Preto, passou a ser para os trabalhadores rurais o que o ABC representa para os metalúrgicos. As conquistas dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto — alcançadas sob clima de grande pressão — expandiram-se não só para outras regiões canavieiras do estado como também serviram de estímulo e referência para a mobilização dos apanhadores de laranja nas áreas citrícolas de São Paulo. Ainda sob o signo de Guariba, as lideranças dos trabalhadores rurais tentam consolidar esses avanços para todas as atividades agrícolas no dissídio coletivo da categoria, cuja data-base é 15 de setembro.

Neste ponto, porém, desenha-se um impasse. "Estão tentando transformar Guariba em banheira de luta. Só que nem todos agricultores são usineiros ou fornecedores de cana", argumenta o presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, Joaquim de Azevedo Souza, que mediu uma reunião entre sindicatos patronais e de trabalhadores da região, na tentativa de se chegar a um acordo que fixasse os parâmetros para a negociação estadual. A reunião terminou sem nenhum acordo e a solução estadual deverá ser encaminhada por dissídio coletivo.

Neste ano, os trabalhadores rurais tentam, pela primeira vez, estabelecer um piso salarial para a categoria, reivindicado em Cr\$ 300 mil, reajuste trimestral de 10% acima do INPC e produtividade de 15%, além de outras 41 propostas. A maioria das reivindicações dos trabalhadores foi rejeitada na reunião de Ribeirão Preto, onde os patrões propuseram, um máximo de Cr\$ 200 mil como piso salarial. "Como aceitar esse piso se a maioria dos trabalhadores já recebem mais de Cr\$ 300 mil", contra-argumentou um dos presidentes de sindicatos de trabalhadores presente ao encontro.

TRANQUILIDADE

Se o acordo de Guariba trouxe alguns problemas para as negociações coletivas dos trabalhadores rurais, ele proporcionou tranquilidade e descobertas para produtores e cortadores de cana. "Não se estabeleceu quase nada de novo no acordo. Apenas se colocou no papel o que já vinha sendo praticado há muitos anos", afirma o usineiro Menézis Balbo, diretor da Copersucar.

(Página 7)